

RAPLAB: O PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA COMO PRODUTO FINAL E O PRODUTO FINAL COMO CAMINHO DE LIBERDADE MERCADOLÓGICA

Dudu de Morro Agudo¹
(Flávio Eduardo da Silva Assis)

Resumo: Este artigo tem o objetivo de fazer uma breve reflexão sobre as diversas experiências e conversas que tive no decorrer do ano de 2018 com alguns jovens durante os encontros para a realização da atividade RapLab, atividade esta que consiste na composição coletiva de um rap, onde num período de três horas uma música é produzida por cerca de 20 pessoas. A ideia aqui é refletir sobre processo de produção e os fatores que agregam - e se agregam - valor comercial a esta música.

Pude presenciar alguns conflitos envolvendo os anseios que esses jovens artistas tem de ter seus trabalhos reconhecidos e consequentemente viver da sua arte, percorrendo questões subjetivas como o processo de produção criativa e a conexão desses jovens com a arte; e também em questões mais objetivas como a influência do mercado no processo criativo, caminhando pela perspectiva propiciada pelo texto "Arte de artesão e arte de artista" do livro "Mozart: A sociologia de um gênio", de Nobert Elias (1994). Em conversa com dois jovens artistas, pude perceber em suas narrativas o quanto o mercado influencia no processo de criação de suas artes, mas ao mesmo tempo há uma resistência rebelde em manter intacta parte da independência criativa.

Palavras-chave: primeira palavra-chave, segunda primeira palavra-chave, terceira palavra-chave.

¹ UFF (Universidade Federal Fluminense) - flavioeduardo@id.uff.br

A motivação para a escrita deste artigo surgiu a partir de uma série de conversas que tive com jovens artistas que participaram de atividades de composição coletiva de rap, ministradas por mim em bairros de periferias do Rio de Janeiro.

Primeiramente gostaria de me apresentar rapidamente, pois recorrerei, no decorrer do texto, a algumas experiências profissionais que tive durante a vida afim de ilustrar esta narrativa e também facilitar o entendimento do leitor.

Dentro do mundo do hip hop me conhecem como Dudu de Morro Agudo, sou rapper há cerca de 25 anos e fundador do Instituto Enraizados, uma organização de hip hop com sede em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

O RapLab é, como o próprio nome sugere, um laboratório de rap, onde um grupo de até 20 pessoas, após algumas etapas que passam por rodas de conversa, desafios e jogos, e que juntas duram cerca de três horas, conseguem compor uma música coletivamente.

É importante relatar que alguns dos encontros foram realizados com estudantes de escolas públicas que não se consideram artistas, e que através do RapLab tiveram contato com o rap pela primeira vez. Esses jovens sempre encararam a atividade como uma possibilidade de diversão, por isso costumavam participar do laboratório porque viam nele a oportunidade de se divertirem um pouco dentro da escola, ou de terem um descanso das aulas - que eram sempre iguais, segundo o relato deles próprios, contudo, muitos deles, ao fim da atividade se surpreendiam com a música que eles mesmo criavam.

No entanto, neste texto, meu foco é um outro grupo de jovens, oriundo deste primeiro, mas que após o primeiro contato com as atividades do laboratório de rap, continuaram percorrendo a longa estrada da produção artística, entretanto quando já mais familiarizados com o rap, procuraram novamente o laboratório em busca de aperfeiçoar suas técnicas, e muitos deles estavam atrás de mais experiência no estúdio, visto que ao final de cada encontro gravávamos a música que era composta pelo grupo.

Alguns desses meninos e meninas que participavam, entravam principalmente por causa do rap, mas eles começavam a pensar sobre a vida e sobre uma série de questões que precisavam ser discutidas no laboratório a partir do momento que o tema do rap era definido, para que a partir daí começássemos o processo de composição, que é um processo de libertação, onde não existe o certo e o errado, somente a possibilidade

de desatar a imaginação e a criatividade. Ainda que o tema da música seja sugerido pelo grupo, coletivamente, e escolhido democraticamente através de uma votação, na discussão sobre este tema o que mais se destaca é a vivência de cada um, e é nesse momento que o processo de compor também se transforma em um processo de *aprenderensinar*, como uma sala de aula, mas com vinte professores e vinte alunos.

Ou seja, eles começam a partir de um gatilho que é o de utilizar a arte como forma de se projetar, de serem reconhecidos e de ganhar dinheiro, porque eles acreditam que ao se fazer música se torna um artista e veem nisso uma oportunidade de ganhar dinheiro e projeção. Também começam a pensar o mundo a partir disso, e acabam criando arte, só que aí eles já não criam sua arte para o mercado, é como sugere ELIAS (1994), é uma "**arte de artista**", da essência deles, eles analisam o mundo e vão criando a arte sem pensar em outras possibilidades que não sua própria necessidade de se expressar.

Conforme Higor Cabral² me disse em uma conversa sobre quando participou pela primeira vez do RapLab, em uma atividade na Caixa Cultural³, no Rio de Janeiro:

"Eu esperava algo até mais, digamos assim, mais direto, mais científico. Que fosse feito muitas coisinhas picadas e a gente tivesse uma formulazinha e 'pum', porque o bagulho acontece em três horas né? Então precisa ser otimizado de alguma forma. E o legal é que eu cheguei lá meio atrasado e estava rolando só conversa, conversa mesmo, a gelera se conectando e tal, e eu percebi que foi exatamente isso que ajudou no final, a letra, ela foi feita muito rápido, se você levar em consideração o tempo que teve de conversa antes, e é uma parada muito louca, porque a grande parada é o processo, tudo bem que ter o resultado de uma música, de um produto e tal, é muito maneiro. A questão de geral gravar lá, tem toda uma coisa, é uma experiência muito foda nesse sentido, mas acho que a grande parada, o grande ensinamento pra mim foi o processo das coisas, o caminho é mais importante do que o fim sempre, porque depois que acabou, que a gente fez a música, acabou, acabou a conexão ali, até porque a maioria daquelas pessoas nunca mais vão se ver na vida, mas fica

² Higor Cabral dos Santos Rodrigues, tem 29 anos, é um artista multifacetado, que passeia pela música, poesia, pintura, mas a sua grande paixão é o audiovisual, por isso iniciou uma produtora chamada Pitanga Audiovisual com sua esposa, mas depois de alguns anos mudou o nome da produtora para RoloB.

³ A CAIXA Cultural é um programa da Caixa Econômica Federal que funciona como centro cultural em sete capitais do Brasil, começado em 1980 em Brasília na sede do banco, sendo conhecido como "Conjunto Cultural da CAIXA". In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa_Cultural >. Acesso em: 05 jan. 2019.

aquele elo que é a música, inclusive a gente até hoje fala da primeira frase da música, que é maravilhosa, que o maluco mandou e, tipo assim, virou um hit na cabeça de todo mundo".

Apesar de no final do laboratório termos um produto musical com autoria de 20 jovens, produto este que pode também seguir o fluxo das músicas feitas exclusivamente para disputar um espaço nesse mercado musical, nas playlists de streaming⁴ do spotify e do deezer (aplicativos de reprodução de música por streaming), a minha intenção durante o processo de produção não é essa, a música produzida definitivamente não é uma **arte de artesão**, pois o laboratório nos permite trazer à tona nossos pensamentos e embolá-los com o pensamento de outras pessoas e transformar isso tudo em uma arte, às vezes simples na forma, mas complexa no processo criativo.

Segundo Norbert Elias (1994) a **arte de artesão** é aquela que é encomendada, em que o artista não se expressa com sua totalidade, mas com a ótica e sentimento do seu patrono, já a **arte de artista** é destinada a criação artística livre. Wolfgang Amadeus Mozart⁵ foi um dos pioneiros nessa transição, em meados no século XVIII, migrando da arte de artesão, que garantia seu sustento, para a arte de artista, que garantia sua independência artística, mas não a financeira, e pagou o preço por isso "certo de que foi do próprio Mozart a decisão de abandonar o emprego e arriscar-se no salto" (ELIAS, 1994, p.26).

O fato de o artista poder se expressar livremente através de sua arte sempre me encantou, contudo o fato de eu não conseguir sobreviver exclusivamente da minha arte sempre me preocupou, não somente a mim, mas também a toda minha família. E isso é mais comum do que se imagina e assombra muitos desses jovens artistas oriundos das periferias urbanas, quando em determinado momento de suas vidas precisam escolher

⁴ A transmissão contínua [...] é uma forma de [distribuição digital](#) [...] [que] permite que um usuário reproduza conteúdos protegidos por [direitos de autor](#), na *Internet*, sem a violação desses direitos, similar ao [rádio](#) ou [televisão](#) aberta diferentemente do que ocorreria no caso do *download* do conteúdo, onde há o armazenamento da mídia no HD configurando-se uma cópia ilegal. ". In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Streaming>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

⁵ Wolfgang Amadeus Mozart, (1756-1791) foi um músico e compositor austríaco, considerado um dos maiores nomes da música erudita e um dos compositores mais importantes da história da música clássica. In: eBiografia. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/wolfgang_amadeus_mozart>. Acesso em: 05 jan. 2019.

entre se dedicar à sua arte ou aceitar a primeira proposta de trabalho que apareça para poder ajudar financeiramente sua família.

Em Morro Agudo, bairro em que vivo, na cidade de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, existem muitos músicos e poetas talentosos que precisam trabalhar em lugares diversos para poderem pagar as suas contas, alguns nem trabalham com arte, pelo menos não do jeito que gostariam, uns são animadores culturais em escolas públicas, outros trabalham em petshops, mas há aqueles que prestam serviços para grupos musicais famosos.

Eu, assim como alguns poucos de meus contemporâneos e conterrâneos, enquanto artista, sempre me dediquei mais ao processo do que ao produto final, pois a forma como eu faço o rap me realiza mais do que o rap em si, e talvez por isso o processo de composição no RapLab seja, pra mim, mais importante do que a música quando pronta.

Os jovens participantes dos encontros do RapLab querem, em sua maioria, acertar um hit pra entrar pro hype⁶ do rap, por isso estão preocupados com **o flow⁷, a dicção, a métrica⁸, a letra e o beat⁹**, eu estou mais preocupado com a discussão, onde faço o papel de provocador, como eles mesmo dizem, fico "*botando pilha*" para apimentar a discussão o tempo todo.

Talvez esses jovens se preocupem com tantos fatores ao produzirem sua obra principalmente porque o mercado exige que a música esteja em determinado padrão, contudo não estou falando aqui de padrão técnico, como a qualidade da gravação, a mixagem ou a masterização, que também é uma exigência técnica do mercado, mas que no meu entendimento não deveria inibir as artistas de praticarem suas artes, mas falo aqui de um formato, como por exemplo o que mais tem tocado no rádio ou nas playlists, isto é, o que o público mais tem consumido.

Fazendo uma analogia, é como se alguém criasse uma receita de bolo e a partir daí este modelo de bolo é o que seria consumido por todos e produzido por todos, mais

⁶ Hype é a promoção extrema de uma pessoa, ideia, produto. É o assunto que está "dando o que falar" ou algo sobre o qual todos falam e comentam. A palavra deriva de hipérbole, figura de linguagem que representa o exagero de algo ou uma estratégia para enfatizar alguma coisa. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hype>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

⁷ O flow é a forma que o artista canta, a velocidade.

⁸ A métrica é a cadência, o que dá o balanço do rap.

⁹ O beat é a base instrumental, também conhecido simplesmente como instrumental ou base.

ou menos como os compositores de sertanejo universitário têm feito ultimamente e conseguido emplacar hits nas FMs de todo o Brasil como consta no site Connetcmix, empresa que monitora rádios e TVs e disponibiliza em tempo real o ranking das músicas mais tocadas no ano.

O jovem Mateus Barros da Silva, rapper, conhecido como Passarinho, participou de uma edição especial do RapLab, uma espécie de desafio, onde um grupo de sete pessoas, já com algum envolvimento com o hip hop, participaram de todo o processo de produção e gravação do videoclipe e da música "dinheiro", registraram e distribuíram nos meios digitais. Foi um processo um pouco mais complexo e técnico do que o formato mais tradicional do RapLab, que consiste em compor e gravar uma música coletivamente em três horas, justamente por essa demanda dos jovens artistas.

O Passarinho, que já tem algumas músicas gravadas, em uma conversa comigo falou sobre padrão de qualidade, eu perguntei se esse padrão de qualidade que ele busca para a música dele tem, de alguma forma, a ver com o mercado, e ele me que respondeu que sim, e explicou que: "[...] quando eu falo desse padrão de qualidade eu falo sobre a questão de mixagem e masterização, e querendo ou não esse tipo de processo segue uma lógica de mercado". E quando eu perguntei se esse mesmo mercado, de alguma forma, interfere na maneira dele de compor, ele completou: " [...] eu acho que essa parada de mercado não afeta minha arte como um todo, mas a todo momento eu penso que eu tenho que fazer uma coisa ou outra pro mercado, tipo eu vou fazer isso, mas não interfere na minha arte toda".

Mozart lutou contra os patronos da época, que eram a corte e a igreja, para poder ser um artista autônomo, pois ele "sempre desejou poder criar livremente, seguir suas vozes interiores sem se preocupar com os compradores". (ELIAS, 1994, p.23)

Mas Mozart também queria que comprassem sua arte, queria que a sociedade reconhecesse seu talento. O que ele não queria mais era que essa sociedade definisse a forma e o conteúdo de sua arte.

Considero mais do que justo que um artista queira e possa viver de sua arte, no entanto me questiono o quanto essa necessidade financeira influencia em sua criação?

Há cerca de uns 20 anos fui em um estúdio em Duque de Caxias¹⁰ para gravar um rap. Um dos produtores me dava dicas de como gravar um hit, eram boas dicas, ele estava sendo sincero, pois realmente acreditava no que estava dizendo, apesar disso, do outro lado da sala estava seu sócio, um outro produtor chamado Johnny, que ria pelos

¹⁰ Duque de Caxias é um dos 13 municípios que compõem a região da Baixada Fluminense.

cantos da boca. Curioso, perguntei de que ele ria. Ele me respondeu: - "Tô rindo do segredo do sucesso que o Anderson tem e passa pra todo mundo, mas nunca dá certo com ninguém".

E ele continuou: - "Vai ali na rua entra no bar e pergunta quem é Chico Buarque. Depois pergunta quem é Serginho e Lacreia. Certamente o MC Serginho ouviu muito conselho de que a sua música 'Eguinha pocotó' não daria certo, porque estava fora do padrão, mas hoje todo mundo canta, até quem não quer cantar conhece".

Lembrando desse fato me surgem questões que talvez sejam o ponto central deste texto: Quem ou o que define qual arte é arte? Existe arte superior a outra? Ou até mesmo: O que é arte?

São três perguntas que se remetem a um único sujeito ou grupo de sujeitos que, no meu ponto de vista, são os detentores dos recursos, sejam eles financeiros ou os meios de produção e comunicação, e a elite intelectual, herdeira do capital cultural (BOURDIEU, 1990), que segundo Norbert Elias (1994) nos conta, desde sempre dita as regras.

Então caberia aos **artistas autônomos** (ELIAS, 1994) tornarem-se mais rebeldes e subversivos, isto é, livres, transformando sua arte em apenas arte, sem função ou utilidade específica.

"As obras do passado tinham uma função menos específica num contexto social mais amplo - eram, por exemplo, imagens de deuses nos templos, adornos para túmulos de reis mortos, música para banquetes e de dança. A arte foi "arte utilitária", antes de se tornar "arte". (ELIAS, 1994, p.27)

Higor Cabral se permite passear livremente por diversos campos da arte:

"Eu nunca me limitei só a uma parada, eu escrevo coisas, eu faço vídeos, faço fotos, agora tô escrevendo música, então é um bagulho que é muito no geral, então assim, antes de tudo vem a vontade de se expressar e a arte é tipo um canal pra usar isso, pra usar essa expressão".

É interessante quando Higor nos diz: "Eu uso a arte muito pra me expressar, então por mais que eu esteja prestando um serviço, fazendo (filmando) um casamento, fazendo uma coisa que não é autoral, mesmo assim, de alguma forma eu tô tentando me expressar". A trajetória artística de Higor no audiovisual nos lembra muito a situação vivida por Mozart quando optou por ser um artista autônomo.

Higor, apesar de tocar violão, compor e cantar rap, trabalha a maior parte do tempo com audiovisual, tinha uma produtora chamada Pitanga Audiovisual, que era especializada em filmar casamentos, era a sua **arte de artesão**, literalmente como no século XVIII, no entanto ele queria gravar videocliques, experimentar novas situações que o casamento não o permitia, então mudou o nome da produtora para RoloB para tentar fazer a sua **arte de artista**, e assim como Mozart a mais de 200 anos atrás, pagou o preço:

"A gente mudou a produtora de nome exatamente pra acabar com isso, porque a gente estava tentando fazer uma mudança e não conseguia, porque existia uma cobrança ainda de certos clientes, de certas pessoas que conheciam o trabalho, então é uma questão muito de escolha mesmo. A nossa situação financeira piorou muito por a gente querer dar mais atenção a autoria da nossa parada e das pessoas com quem a gente trabalha".

Certo dia, no fim do ano de 2018, fiz uma visita ao CCBB¹¹, no Rio de Janeiro, para ver a exposição das obras do grafiteiro Basquiat¹², fui primeiramente porque me disseram que ele era grafiteiro, e como faço parte da cultura hip hop, onde o graffiti é um dos elementos, me senti na obrigação de ir; segundo porque era uma aula de campo da minha turma de mestrado, entretanto apesar de amigos estarem comentando sobre a exposição e os jornais publicarem algumas notícias a respeito, eu não conhecia nada sobre o artista.

O primeiro contato que tive com as obras do Basquiat me causaram estranheza, muita estranheza, a primeira coisa que me veio à cabeça foi: "Porra esse bagulho aí eu faço, pô! Por que dão tanta moral pra esse cara? Por que essa arte é melhor que as outras?"

Então, no decorrer da minha visita comecei ler a história do artista, ouvir as pessoas ao meu redor comentando e fui conversando com outras pessoas a respeito. Assisti a um vídeo e então (re)pensei: - "Putz mano, tem tudo a ver".

¹¹ O Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) é uma rede de espaços culturais geridas e mantidas pelo Banco do Brasil, com o objetivo de disseminar a cultura pela população. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Cultural_Banco_do_Brasil>. Acesso em: 05 jan. 2019.

¹² Jean-Michel Basquiat foi um artista americano. Ganhou popularidade primeiro como um grafiteiro na cidade onde nasceu e então como neo-expressionista. As pinturas de Basquiat ainda são influência para vários artistas e costumam atingir preços altos em leilões de arte. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Michel_Basquiat>. Acesso em: 05 jan. 2019.

Parece que a pintura começa a ganhar uma outra forma. A mesma pintura, quando você conhece a história do artista e seu processo de criação, nos remete a outras lógicas, nossos julgamentos sobre a obra exposta muda.

Mas isso tudo não muda o fato de que existe um mercado, e que alguém (ou um grupo de pessoas) precisou legitimar a obra espetacular de Basquiat para que somente então ela tivesse valor comercial. Basquiat era um gênio, sem dúvidas, mas quantos gênios anônimos existem por aí? Quantos artistas tão especiais quanto Basquiat não foram legitimados?

Creio que, da mesma forma que existem muitos gênios, existem também muitos charlatões no mundo da arte, que tentam copiar os estilos e as formas de um gênio como se fosse uma simples receita de bolo, pensam que a arte com originalidade é qualquer arte estranha, ininteligível.

Tornou-se corriqueira a ideia de que os artistas têm uma tendência a apresentar um comportamento selvagem, ou ao menos incomum, que inventam novas formas que o público inicialmente não consegue perceber, e, portanto, não entende; isso é quase um componente do trabalho do artista. (ELIAS, 1994, p.27)

Num outro dia, durante uma visita ao **Museu das Imagens do Inconsciente**¹³, em Engenho de Dentro, zona norte do Rio de Janeiro, também com minha turma de mestrado, senti o mesmo que quando olhava com pouco cuidado ou informações insuficientes para a exposição de Basquiat. Olhei os quadros na parede, achei alguns interessantes e outros nem tanto, pra mim eram somente quadros.

E este sentimento tive tanto em relação aos quadros do Basquiat quanto aos quadros dos internos do museu, que na primeira impressão eram apenas pinturas comuns, que não pareciam significar nada de mais.

Porém quando a psicóloga e coordenadora do museu, a senhora Gladys Schincariol, responsável pela visita guiada, nos recebeu e começou a narrar com tanta emoção e vivacidade a história do **Museu das Imagens do Inconsciente**, fundado em 1952 por Nise da Silveira, uma nordestina, psiquiatra, que foi exilada na ditadura, e em seguida

13 O Museu das Imagens do Inconsciente foi criado pela psiquiatra Nise da Silveira em 1952. O Museu é um centro vivo de estudo e pesquisa sobre as imagens e tem caráter marcadamente interdisciplinar, o que permite troca constante entre experiência clínica, conhecimentos teóricos de psicologia e psiquiatria, antropologia cultural, história, arte, educação. Disponível em: < <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/#historico>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

também contou a história de alguns internos, que também eram os artistas que pintavam aqueles quadros.

Ela nos contou todas aquelas histórias que levaram aqueles artistas a se expressarem daquela forma, em especial, a história de Fernando Diniz (1918-1999) que produziu cerca de 30 mil obras no museu, a partir daí um novo mundo de apreciação estética foi se abrindo.

A senhora Gladys Schincariol contava empolgada sobre Fernando:

"Nessa série foi bem o menino Fernando Diniz, se a gente for pensar assim, né? Coisa colorida, animais, seres... sempre em convívio, bonitinho né? Bem ingênuo, uma obra ingênua. Mas ele era realmente uma pessoa muito brilhante. E o Marcos Magalhães, que fez um trabalho muito bonito com ele, dizia que nunca viu o Fernando titubear diante de uma folha em branco".

Eu percebia então que cada vez que eu me conectava com o artista, eu me conectava ainda mais com sua arte e vice-versa. A cada ponto que eu entendia um pouco mais da sua história de vida, mais eu entendia a sua arte.

Higor Cabral pensa de forma parecida quando narra o que o conecta com a arte dos outros:

"A conexão principal é com a pessoa por trás daquilo mesmo [da arte], é óbvio que tipo assim, as vezes eu vejo uma foto de alguém e ainda não sei quem é esse alguém, mas se eu me interessar e aquilo me tocar de alguma forma, pode ter certeza que eu vou buscar pesquisar sobre aquela pessoa, eu sou muito assim, eu vou ver um filme, eu já vejo ele pensando, esse filme é de tal diretor, já fico com isso na cabeça porque eu já monto uma série de regrinhas na minha cabeça".

Eu fiquei dessa forma quando ouvi falar sobre **Fernando Diniz**¹⁴, fui pesquisar sobre ele, vi filmes, li bastante coisa, me tornei fã da obra e do criador, "dever ser difícil, afinal de contas, amar a arte de Mozart sem sentir um pouco de amor pelo homem que a criou". (ELIAS, 1994, p.15)

¹⁴ "Fernando Diniz nasceu na Bahia, em 1918. Em 1944, foi preso e levado para o Manicômio Judiciário, por estar nadando despido na praia de Copacabana, seu único ato de rebeldia. Em 1949, foi transferido para o Centro Psiquiátrico Nacional, em Engenho de Dentro, onde conheceu a Dra. Nise da Silveira". Disponível em: <<http://africabrasilidentidades.blogspot.com/2014/09/fernando-diniz-um-genio-da-arte.html>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

Dentro disso tudo continua a percepção de que a **questão mercadológica** precisa ser discutida neste contexto da produção artística. O artista precisa entender como funciona o mercado para não se frustrar e prostituir sua arte.

Independente de qual a pintura que está ali sendo exposta, ou música que é tocada, ou o filme que é exibido, sempre há esse alguém que precisa dar o aval para a arte se tornar uma arte comprável, existe a **necessidade de uma legitimação externa**.

Nise da Silveira não permitia que as obras produzidas no museu fossem comercializadas, respeito os seus motivos, contudo nesse caso, mesmo que as obras fossem comercializadas, o mercado não influenciaria na forma como a arte é produzida, os artistas não seriam seduzidos pelo mercado, pois eles estão de certa forma blindados desse mundo exterior.

Mas mesmo assim, a senhora Gladys Schincariol nos conta que grandes críticos, reconhecidos por serem especializados em arte, visitavam o museu e as arte, e consequentemente atribuía valor, nem que seja simbólico, a estes quadros. São eles que vão dizer se aquilo é arte ou não. Assim como são estes nomes que vão dizer quanto é que aquela obra vale.

"Nise nunca permitiu a comercialização da obra de nenhum dos internos. O conjunto da produção é essencial não apenas para o estudo do caso, mas também para o museu-escola que ajudaria a implantar a terapia ocupacional em todas as clínicas psiquiátricas brasileiras. Não há sentido para o mercado de arte numa instituição pública, aberta a todos". (AGUILAR, 2000, p.32)

Quando perguntei ao rapper Passarinho qual seria o ápice da sua vida de artista, ele me respondeu:

"Eu quero conseguir viver da minha arte, eu quero que todo dinheiro que eu tenha seja fruto da minha música e de coisas que são envolvidas com ela. Porque eu sei que se eu chegar nesse ponto é porque muitas pessoas ouviram minha música, em muitos lugares e outras pessoas se identificaram e outras pessoas estarão acompanhando minha caminhada".

Higor Cabral disse basicamente a mesma coisa, pra ele o ápice seria o reconhecimento do trabalho dele, da forma que ele é, da forma que ele quer se expressar.

Conversando com outros jovens que participaram do RapLab, percebi que é quase uma unanimidade essa busca por reconhecimento, de querer que as outras pessoas se conectem com suas artes e consequentemente com eles próprios a partir de suas artes, de poder sustentar suas famílias com o dinheiro oriundo de suas artes, mas pra isso

acontecer eles entendem que existe uma espécie de **super sujeito**, com influência o suficiente para dar o aval, a transferir um tipo de valor para a sua arte.

O paradoxo que é perceptível é que existe uma luta pela liberdade artística, mas também o entendimento que para viver da própria arte é preciso fazer parte de um sistema onde determinada pessoa precisa legitimar sua arte para que só então seja possível propagar sua mensagem para a massa e a partir daí um número expressivo de pessoas consiga se conectar com sua arte e consequente com o artista, sem intermediários. Isto é, para conseguir a liberdade, é preciso primeiro passar por um labirinto de amarras.

As vezes parece que precisamos escolher entre a cruz e a espada, entre ser livre artisticamente ou entrar no jogo do mercado, contudo, mesmo os que escolhem a espada, muitas vezes não conseguem a projeção esperada, e então a frustração é dupla. Mas como nos mostra Norbert Elias (1994), essa frustração não é um privilégio dos dias atuais, desde o século XVIII os artistas já tinham de fazer esse tipo de escolha:

"Na verdade, mesmo na geração de Mozart, um músico que desejasse ser socialmente reconhecido como artista sério e, ao mesmo tempo, quisesse manter a si e à sua família, tinha de conseguir um posto na rede das instituições da corte ou em suas ramificações. Não tinha escolha. Se sentisse uma vocação que o levasse a realizações notáveis, quer como instrumentista, quer como compositor, era praticamente certo que só poderia alcançar sua meta caso conseguisse um cargo permanente numa corte, de preferência uma corte rica e esplêndida". (ELIAS, 1994, p.19)

Quando trazemos estas percepções para o projeto RapLAB, nos damos conta de que passamos por este mesmo processo, tenho o mesmo posicionamento da Dr^a Nise da Silveira, não permito que o processo seja atingido pelo mercado, mas não tenho problemas com a legitimação da obra em si. Quando ouvimos as músicas produzidas pelos nossos meninos é teoricamente um rap comum. Não tem nada de muito especial. Mas quando as pessoas entendem o processo, quando falamos da autonomia que eles ganham dentro desse processo, da construção do senso crítico que se ganha dentro desse processo, da politização e emancipação que este processo propicia, esta música ganha outra vida, um outro valor, um significado muito maior.

E quando alguém do ramo da música ou da poesia percebe esta música como algo extraordinário, isso acaba ganhando ainda um valor de mercado, só que é a mesma

arte, e ainda podemos dizer que isso, o ganhar projeção e dinheiro, é apenas um bônus, porque o principal daquela arte era o seu valor para este artista (ou grupo de artistas).

Não é possível para mim pensar o processo artístico do RapLab olhando para o mercado, porque o principal nesse processo é a pureza ou a liberdade da criação, de como esse laboratório pode auxiliar o desenvolvimento dos jovens artistas, na originalidade, mas faço uso do paradoxo sem medo, que se uma das músicas viralizassem ou se tornassem hits, não me oporia.

Depois de ter pensado tanto em torno do processo de produção, sobre os encontros, sobre o que RapLab proporciona materialmente e subjetivamente, a forma como o artista começa a enxergar o mundo e a si mesmo, a noção do valor de se trabalhar colaborativamente e coletivamente, e que isso no final gera um produto artístico, as reflexões acabam requerendo uma ênfase maior no sentido de se pensar o que é a "arte do mercado" e o que é a "arte do artista"?

Ou seja, nos damos conta de que precisamos também pensar o que fazer com este produto artístico, porque este produto artístico é instrumento da nossa cultura de resistência e de sobrevivência, e até como forma de confronto com este mesmo mercado, pode se tornar monetizável.

Referências

- ELIAS, N. **Mozart Sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- AGUILER, N. Imagens do Inconsciente: Mostra do redescobrimento. In: AGUILAR, N. & MELLO, L. **Mostra do redescobrimento: imagens do inconsciente - images of the unconscious**. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.